

MEMÓRIA COLETIVA DE MULHERES QUILOMBOLAS: UM OLHAR A PARTIR DE HALBWACHS

Priscila Silva de Figueiredo¹
Rita Maria Radl-Philipp²

Resumo: O presente artigo visa analisar a relevância e atualidade dos escritos de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva para a compreensão da memória de mulheres quilombolas. Para tanto, buscamos realizar uma análise das obras *Los Marcos Sociales de la Memoria* e *A Memória Coletiva*, com vista a compreensão da temática das mulheres e comunidades quilombolas. Destarte, procuramos destacar algumas articulações teóricas que permitem uma ligação com o conhecimento feminista, memória coletiva e comunidades tradicionais quilombolas, buscando demonstrar a relevância desse diálogo para um entendimento acerca da memória de mulheres. Pode-se constatar que os marcos sociais (tempo, linguagem, lugar etc.) e a compreensão que eles permitem sobre a memória de grupo e memória familiar tem importância atual para a compreensão da memória coletiva de mulheres quilombolas.

Palavras-chave: feminismo, comunidades negras, gênero, resistência.

1. INTRODUÇÃO

A memória tem sido amplamente explorada pela filosofia com reflexões que remontam à Antiguidade até os tempos atuais, com um número crescente de autoras(es), discussões e perspectivas, alcançando campos distintos das ciências.

Maurice Halbwachs no século XX desenvolveu o conceito de “memória coletiva” e contribuiu para sua ampla difusão. O sociólogo aplicou o conceito nos seus estudos de como o passado é recordado no seio de famílias, grupos religiosos e classes sociais, entendido especialmente como grupos sociais, argumentando que qualquer análise sobre a origem das recordações deve tomar em consideração a influência que nelas exercem os grupos e instituições. Conforme o referido autor, as memórias individuais e coletivas se cruzam contribuindo para a reconstrução dos acontecimentos a partir das múltiplas leituras do passado. Maurice Halbwachs é considerado como o responsável pela fundação do campo de estudos sobre a memória no contexto das ciências sociais (SANTOS, 2013).

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: priscila.figueiredo@uesb.edu.br.

² Professora Titular Catedrática Plena da Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha e professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. E-mail: ritam.radl@usc.es.

Estudos sobre memória, como o de Livia Magalhães e José Almeida (2011), tem destacado a existência de um controle da transmissão da memória e, nesse sentido, há várias memórias coletivas ou de grupos, que foram validadas e legitimadas em detrimento de outras. Paralelamente, ainda que em contexto e com noções diferentes, o pensamento feminista também realiza uma denúncia desse matiz, ao colocar na sua pauta a invisibilidade e silenciamento de mulheres, de forma particular aplicável a mulheres indígenas, negras, trans e da classe trabalhadora, nos diferentes âmbitos - cultural, político, econômico – principalmente focado nas sociedades ocidentais (ARRUZZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019).

O presente artigo visa analisar a relevância e atualidade dos escritos de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva para a compreensão da memória de mulheres quilombolas, a partir de uma análise da literatura. Importante ressaltar também que este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, denominada “Mulheres e as plantas medicinais: memória e etnobotânica em uma comunidade quilombola”.

2. MARCOS SOCIAIS E MEMÓRIA COLETIVA EM HALBWACHS

Maurice Halbwachs nasceu em Reims em 1877 e seguindo seu avô Fraz Antom e seu pai Gustave, ambos professores, adota a docência como profissão ensinando em diversos liceus (PEREIRA, 2013). Estudou na Escola Normal Superior de Paris onde foi estudante de Henri Bergson, o qual o impactou muito. Ao longo das obras de Halbwachs é possível perceber a relevância dos escritos de Bergson com aproximações e distanciamentos. Bergson (2010, p. 89) propõe duas expressões da memória “uma imagina e a outra repete”. Para acessar a memória que imagina (ao contrário da memória-hábito), segundo Bergson, é preciso se isolar das outras pessoas e das exigências da ação. Por isso, na primeira parte de *Los Marcos Sociales de la Memoria*³, Halbwachs trata dos marcos sociais do pensamento individual, para se contrapor a tese de Bergson (NAMER, 2004). De um lado, Bergson entende que a virtualidade das memórias está ancorada na realidade do espírito, por outro, em Halbwachs ela está aportada nos grupos e na sociedade (SANTOS, 2016).

³ Tradução de *Les cadres sociaux de la memoire*, nome original da obra. Todas as citações em português, apresentadas neste trabalho, foram traduzidas por nós a partir da edição em espanhol.

Outra grande influência de Halbwachs foi Émile Durkheim, sendo por vezes considerado como um herdeiro crítico, em outras como um rigoroso durkheimiano. A influência é evidente no tratamento objetivo dos marcos sociais da memória. Contudo, acreditamos que a visão teórica de Halbwachs não segue de forma simples a linha, teórica de Durkheim, pois Halbwachs insiste em suas obras acerca da importância das inter-relações sociais para a compreensão da memória individual e coletiva. Assim, segundo Rita Radl-Philipp e Fanny Radl (2018), a teoria de Halbwachs sobre a memória encontra sua expressão epistêmica no paradigma interacionista.

Segundo Jeanne Michel-Alexandre (2006), Maurice estudou direito, aprendeu sobre economia política, matemática e sua avidez pelo saber talvez seja o motivo do seu pensamento permanecer tão jovem. Ainda segundo a descrição biográfica realizada por Jeanne (sua irmã e também intelectual feminista), Halbwachs publicou inúmeros trabalhos e realizou um esforço em combinar o método objetivo da ciência com o método reflexivo da filosofia. Suas obras mais influentes foram *Les cadres sociaux de la memoire* publicado em 1925 e *La Memoire Collective* publicado postumamente em 1968 e organizado por Jeanne. Halbwachs, por muito tempo se identificando como socialista, foi morto num campo de concentração nazista na Alemanha em 1945 e não pode finalizar a referida obra. O presente trabalho se debruçará nas reflexões das duas obras supracitadas.

Em *Los Marcos Sociales de la Memoria* (2004), Halbwachs traz a memória para o centro de discussão, se tornando um objeto de estudo para a sociologia e, também, posteriormente, um campo de conhecimento, com uma multiplicidade de discussões e definições. Em especial, temos a noção de marcos sociais nessa obra.

A memória antes de Halbwachs havia sido tratada prioritariamente na sua dimensão individual. Assim, *Los Marcos Sociales de la Memoria* inicia com uma análise dos sonhos, questionando se eles seriam lembranças do passado, justamente para introduzir a ideia de como o social é fundamental para a recordação, através da análise de experiências tão individuais como os sonhos. O argumento desenvolvido por Halbwachs é de que nos sonhos o ser humano não é capaz de reconstruir uma recordação completa porque quando dormimos não temos acesso às convenções sociais e estrutura de pensamento de quando estamos acordadas(os) – ou seja, os marcos

sociais, que nos sonhos são instáveis e em grande parte inacessíveis. Halbwachs mostra também a importância da dimensão social na constituição da memória não só no significado de sonhos como também em problemas de linguagem e doenças mentais.

Utilizando as palavras do autor, “estes marcos são – justamente – os instrumentos que a memória coletiva utiliza para reconstruir uma imagem do passado de acordo com cada época e em sintonia com os pensamentos dominantes da sociedade” (HALBWACHS, 2004, p. 10). Os marcos sociais da memória são pontos de referência e o passado é sempre reconstruído com base no presente. Linguagem, tempo e espaço são exemplos de marcos sociais da memória que, muitas vezes, não estão disponíveis da mesma forma quando estamos dormindo de quando estamos despertas(os) ou de quando sofremos de algum problema de linguagem ou mental. Halbwachs enfatiza que não existe memória fora dos marcos e eles são muito mais estáveis que os acontecimentos.

A obra prossegue com Halbwachs refletindo sobre a linguagem. Dentre as convenções temos as verbais, que constituem “o marco mais elementar e estável da memória coletiva” (HALBWACHS, 2004, p. 104). Adiante ele trata da reconstituição do passado, nas crianças, na vida adulta e em idosos(as), seguindo para a discussão sobre a localização das recordações.

No decorrer de sua obra Halbwachs (2004) vai mostrar que o passado é reconstruído com base no presente. A memória se ancora em marcos sociais e o indivíduo, inserido no grupo, se torna um sujeito social, com atribuições e papéis.

Halbwachs no conjunto de sua obra evidencia que para a compreensão acerca do processo de evocação e da localização das memórias estas se dão através da identificação dos quadros de referências ou marcos sociais na reconstrução da memória. Para o sociólogo é no campo social que o ser humano evoca, reconhece e localiza suas recordações, de modo “que o indivíduo recorda quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais” (HALBWACHS, 2004, p. 11).

A família é o grupo social por excelência da memória coletiva. Quando alguém começa a fazer parte de uma família – seja por nascimento, por casamento etc – passa a fazer parte desse grupo e, assim, o que prevalece não são os sentimentos individuais, mas sim, as regras e costumes que existiam muito antes das pessoas começarem a fazer

parte desse grupo. A memória coletiva familiar atribui grande importância à dimensão do tempo, quadro dominante dessa memória.

Em *A Memória Coletiva* (2006) a memória novamente é apresentada a nós como construção e não resultado. Portanto, no processo de rememoração recorremos a elementos que estabilizam a memória, o que se dá no encontro entre memória coletiva e memória individual. Segundo Halbwachs (2006, p. 29), “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento”. Deste modo, nossas recordações permanecem coletivas mesmo quando só nós tenhamos nos envolvido(a) nos eventos. E para que possamos nos apropriar dos testemunhos de outras pessoas, é necessário que haja concordância, pois a memória reforça a coesão social. Concordância que depende da duração do grupo. Aqui tempo, lugar e grupo assumem um papel central.

A memória individual pode ser compreendida como um ponto de vista da memória coletiva, ainda que não de forma exclusiva, tornando-se cada vez mais coletiva quando mantemos relações maiores com integrantes do mesmo grupo onde se dá a relação de pertencimento. Segundo Halbwachs (2006, p. 72),

[...] a memória individual [...] não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado do seu ambiente (p. 72).

O autor reconhecendo a memória individual como elemento importante do sujeito sublinha nessa citação que a mesma “*não está inteiramente isolada e fechada*”, isso é, não está por completo isolada e fechada, mas entende que “*A sociedade é a última responsável pela constituição e capacidade de memória do sujeito*” (RADL-PHILIPP; RADL, 2018, p. 37).

Concebe-se, então, a memória coletiva como uma estrutura derivada do pertencimento a um grupo social, que funciona e está relacionada ao contexto social e cultural de uma coletividade (HALBWACHS, 2006). “*Para ele a memória provém do grupo, do marco social. Na realidade é o resultado de uma inter-relação dialética entre a pessoa e o grupo*” (RADL-PHILIPP; RADL, 2018, p. 37). Assim, o que se chama de

memória coletiva está interdependentemente ligado com a concepção do mundo e da realidade do grupo, situado em um espaço determinado.

Nossa memória é constituída socialmente, não é autônoma. Halbwachs está preocupado em entender como a memória é produzida e ela é produzida pelas e no marco das relações sociais, está ancorada. A gente não opera a memória apenas como imagem, operamos no contexto dos marcos sociais que permitem operacionalizar.

A memória coletiva é alicerçada pelas memórias individuais vividas e compartilhadas dentro de um determinado tempo, espaço e grupo. Ela também está inserida e se realiza muitas vezes em elementos da memória oficial, com elementos que foram significativos para um determinado grupo (inclusive distinto do seu), mas também muitas vezes se realizando em contextos de memória distintos do pensamento hegemônico. Esta última dimensão que se aproxima da reflexão sobre a memória de mulheres quilombolas, que será tratada no tópico a seguir.

3. MULHERES DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Os povos originários das Américas, juntamente com pessoas trazidas ao Brasil e oriundas de diversas regiões da África, foram escravizados durante um longo e doloroso período da nossa história. A revolta coletiva contra essa violência brutal levou à criação de sítios geográficos onde estas pessoas se agrupavam contra o sistema escravista da época e viviam em liberdade. Estas comunidades eram conhecidas como quilombos e, atualmente, muitas pessoas ainda vivem e perpetuam tradições e costumes ancestrais nestas localidades, não de forma essencialista, e sim em constante transformações culturais.

Quilombo é um conceito antropológico muito disputado e, atualmente, estas localidades e muitas outras podem ser compreendidas, dentre outras nomenclaturas, sob o conceito de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CNRQ) que incorpora as chamadas terras de preto, terras de santo, mucambos ou quilombos, de acordo com Itamar Amorim e Guiomar Germani (2005). Segundo estes autores, as CNRQ são comunidades rurais formadas predominantemente por pessoas negras que mantêm entre si laços de consanguinidade e de familiaridade que permitem a utilização de áreas de forma individual e coletiva. O conceito de CNRQ tem a especificidade de incorporar

comunidades negras rurais e articular-se com o conceito referendado na constituição de 1988, de Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs).

Legalmente, os CRQs são definidos como grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003). Contraposições consideram o termo “remanescente de quilombo” inapropriado, por remanescente remeter a resquício, sobra, resíduo (AMORIM, GERMANI, 2005). Além disso, é um termo limitado que não dá conta do mosaico de situações que envolvem a ocupação territorial, como terras compradas por pessoas libertas, doadas de antigos senhores etc. É preciso, segundo Schmitt, Turatti e Carvalho (2002), redimensionar o próprio conceito de quilombo, com o intuito de contemplar a ampla variedade de situações que promoveram a ocupação de terras por grupos negros e ultrapassar o binômio fuga-resistência.

É importante destacar também que estes territórios não eram só compostos por pessoas negras, mas também de escravizadas(os) alforriadas(os), brancas(os) pobres, indígenas, entre outras. Nesse sentido, estes territórios foram originados dentro de uma estrutura social marcada pela discriminação social, racial e em função do gênero.

Neste sentido, no presente trabalho, as comunidades quilombolas precisam ser definidas de forma dilatada em que se considere elementos da identidade do grupo e territorialidade. Podemos compreender que as comunidades quilombolas são aquelas que travam um embate diário pelo direito a terra, bem como por políticas públicas específicas, das quais foram sistematicamente privadas em decorrência do racismo estrutural e institucional ainda em vigor no Brasil.

Nestes contextos, mulheres possuem experiências que historicamente não tiveram visibilidade nos holofotes do feminismo eurocêntrico e muito menos na sociedade em geral. Realizar esforços na compreensão da diversidade e pluralidade destas experiências é fundamental para a construção de um conhecimento feminista e de uma sociedade que não deixem corpos pelo caminho, o que perpassa a compreensão da memória coletiva relacionada às lutas travadas pelas mulheres que constroem estes espaços.

Falar de mulheres quilombolas é falar de uma multiplicidade de experiências e vivências. Dessa forma, não se trata de um grupo homogêneo. Ainda que isto seja evidente, não impossibilita que possamos ouvir o que estas mulheres têm a nos contar sobre o passado, mas também sobre o presente, suas memórias, que também são memórias coletivas. Segundo Nilma Lino Gomes (2020, p. 11)

Ser mulher quilombola é sinônimo de resistência. Significa carregar na identidade, no corpo, no cuidado com a família, na lida no campo ou na agitação do urbano uma história ancestral de muita dignidade. As mulheres quilombolas constroem conhecimentos que emancipam a elas mesmas e as outras pessoas do quilombo.

Pensando na memória coletiva destas mulheres à luz de Halbwachs podemos destacar a inserção delas em um grupo social (sua comunidade), os laços de consanguinidade (família), o tempo (ancestralidade) e o lugar (terra), como quadros sociais da memória. Elementos que serão discutidos no tópico a seguir.

4. MEMÓRIA COLETIVA DE MULHERES QUILOMBOLAS

As mulheres exercem em suas comunidades um papel fundamental, pois elas transmitem oralmente, de forma predominante, os valores culturais, sociais, educacionais e políticos para a juventude sendo as guardiãs da pluralidade de conhecimentos presentes nos territórios quilombolas (SILVA, 2020). Assim, compreender a memória coletiva quilombola perpassa entender as relações de gênero do grupo. Além disso, a memória coletiva de mulheres quilombolas pode ser entendida quando recorremos, especialmente, aos escritos de Halbwachs sobre grupo e sobre memória coletiva da família, pois estas comunidades se configuram como um grupo que possui laços familiares dentre seus integrantes.

O grupo, segundo Halbwachs (2006), pode ser compreendido como uma entidade autônoma na qual é mantido um vínculo entre seus indivíduos com um passado comum. Esse passado se expressa em uma memória coletiva que constituem um conjunto de práticas, valores e acepções que são comuns a todos do grupo. Dessa forma, para Halbwachs (2006, p. 147),

[...] o grupo não é somente nem principalmente, um conjunto de indivíduos definidos [...] o que essencialmente o constitui é um interesse, uma ordem de ideias e de preocupações que se particularizam e em certa medida refletem as personalidades de seus membros [...]

Comunidades quilombolas se configuram como um grupo tal como a definição halbwachiana, mesmo que o sociólogo não tenha sido um estudioso desses grupos. Além disso, Halbwachs (2006) diz que é no tempo que um determinado grupo procura encontrar ou reconstituir a recordação e que não existe memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial.

O território em comunidades quilombolas, como em outros grupos camponeses, possui um trabalho que se confunde com a vida doméstica. Segundo Halbwachs (2006, p. 189) “A família e a terra não se separam no pensamento comum”. De tal modo, a relação com a terra possui um significado profundo.

A identidade quilombola e os complexos processos atuais de auto-identificação tem sido construídos e reconstruídos numa dinâmica em que só é possível através do exercício da compreensão da memória coletiva. Para isso, se recorre aos laços de parentesco, de ancestralidade e a relação com o território, elementos centrais da afirmação dessa identidade.

5. APONTAMENTOS FINAIS

Esta breve exposição procurou explicitar algumas contribuições das discussões sobre memórias coletiva, individual e os marcos sociais propostas por Halbwachs, considerando que é preciso buscar o reconhecimento dos marcos constitutivos da memória de grupos socialmente oprimidos. Os marcos sociais (tempo, linguagem, lugar etc.) e a compreensão que eles permitem sobre a memória de grupo, memória individual e memória familiar são ainda atuais para a compreensão da memória coletiva de mulheres quilombolas. Aqui se propõe a aplicação da concepção halbwachiana para a pesquisa das mulheres quilombolas.

Neste trabalho, apresentamos uma visão que foca sobre memória coletiva de mulheres quilombolas dialogando principalmente com as ideias de grupo e memória familiar proposta por Halbwachs. Discussões sobre memória coletiva religiosa, sobre as classes e grupos sociais e suas tradições, bem como trabalho se configuram como dimensões que podem ser exploradas em futuros trabalhos sobre mulheres quilombolas. Além disso, estudos que busquem identificar memórias coletivas presentes nas

identidades das diferentes comunidades quilombolas parecem também ser promissores, especialmente no referente as identidades de gênero.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Itamar Gomes; GERMANI, Guiomar Inez. Quilombos da Bahia: presença incontestável. **Anais...** do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 796-812, 2005.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. Boitempo Editorial, 2019.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação do corpo como espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Brasília: 2003.

GOMES, Nilma Lino. Ser mulher quilombola. In: DEALDINA, Selma dos Santos. **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **Los Marcos Sociales de la memoria**. Barcelona: Antropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

_____. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Trad Beatriz Sidou

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. Relações simbióticas entre memória, ideologia, história e educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (org). **História, memória e educação**. Campinas: Alínea, p. 99-109, 2011.

MICHEL-ALEXANDRE, Jeanne. Introdução. In: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Trad Beatriz Sidou

NAMER, Gerard. Postfacio. In: HALBWACHS, Maurice. **Los Marcos Sociales de la memoria**. Barcelona: Antropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da memória**, n. 2, p. 4-23, 2007.

PEREIRA, Lucas. **Maurice Halbwachs**: reminiscência sociológica. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279807>>. Acesso em: 19/01/2021.

RADL-PHILIPP, Rita; RADL, Fanny Martinez. Memória e ações comunicativas. Uma visão teórica comunicativa interacionista da teoria sociológica de Halbwachs. In: RADL-PHILIPP, Rita; ALVEZ, Ana Elizabeth Santos. **Memoria, género y educación**: investigaciones y cuestiones epistemológicas. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2018. p. 31-46

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Memória coletiva, trauma e cultura: um debate. **Revista USP**, n. 98, p. 51-68, 2013.

SANTOS, Alexandre de Jesus. Breves observações sobre Bergson, Halbwachs e o problema da memória. **APRENDER** – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. Ano X n. 16, vol.2 p.101-114 jul./dez.2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236654205.pdf> Acesso em: 20/01/2021.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, n. 10, p. 129-136, 2002.

SILVA, Givânia Maria da. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos. **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

TOLEDO, Leslie Campaner de, ROCHA, Maria Anita Kieling da, DERMMAM, Marina Ramos, DAMIN, Marzie Rita Alves, PACHECO, Mauren. **Manual para o uso não sexista da linguagem**: o que bem se diz bem se entende. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014.